



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA  
FACULDADE DE HISTÓRIA  
FORMA-PARÁ SÃO JOÃO DE PIRABAS

GIOVANA DE CASSIA ARAUJO FERREIRA

**O SEBASTIANISMO EM SÃO JOÃO DE PIRABAS: SINCRETISMO RELIGIOSO E  
MEMÓRIA POPULAR DE UM REI QUE DE COLONIZADOR SE TORNA AFRO  
BRASILEIRO.**

**SÃO JOÃO DE PIRABAS  
2023**

GIOVANA DE CASSIA ARAUJO FERREIRA

**O SEBASTIANISMO EM SÃO JOÃO DE PIRABAS: SINCRETISMO RELIGIOSO E  
MEMÓRIA POPULAR DE UM REI QUE DE COLONIZADOR SE TORNA AFRO  
BRASILEIRO**

Artigo de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História do Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, como requisito final para a obtenção do título de Licenciada plena em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Maria Alves Linhares.

**SÃO JOÃO DE PIRABAS  
2023**

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender a tríade sincrético-religiosa que adorna o sebastianismo pirabense e que deu origem ao “nosso Rei Sabá” e o porquê da firme presença de crenças e sua importância para a construção da identidade local. A história oral foi a metodologia usada para a elaboração deste artigo, pois “Nosso Rei Sabá” está na vivência da comunidade, na memória dos pescadores e nas fortíssimas crendices e cultos da população, principalmente dos fiéis da umbanda. Por isso, é importante destacar como as narrativas orais dão sustentabilidade e perpetuação desse mito em nosso município. Do sebastianismo pirabense desencadeiam-se lendas, contos, mitos, história e curas que povoam o imaginário da região, os quais, paradoxalmente, (re) alimentam a Una-trindade que se inscreve no mito sebástico e opera como seu sustentáculo. Muitos questionamentos foram feitos, tudo para que se compreenda, quem seria o Rei Sabá da ponta do Castelo? Que relação teria com D. Sebastião e S. Sebastião? Qual a importância para a comunidade e por que é importante? Por que há um culto e devoção tão forte pelos moradores dessa região? E como se dá a relação com o sincretismo religioso?

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura. Memória. Religiosidade. Sebastianismo. Sincretismo.

## ABSTRACT

This research aims to understand the syncretic-religious triad that adorns Piraba's Sebastianism and which gave rise to “our Sabá King” and why the firm presence of beliefs and their importance for the construction of local identity. Oral history was the methodology used to prepare this article, as “Our Sabá King” is part of the community's experience, in the memory of the fishermen and in the very strong beliefs and cults of the population, especially the Umbanda faithful. Therefore, it is important to highlight how oral narratives support and perpetuate this myth in our municipality. From Sebastianism in Piraba, legends, tales, myths, history and cures emerge that populate the imagination of the region, which, paradoxically, (re)feed the One-Trinity that is inscribed in the Sebastian myth and operates as its support. Many questions were asked, all so that it could be understood, who would be King Sabá at the end of the Castle? What relationship would he have with D. Sebastião and S. Sebastião? How important is it to the community and why is it important? Why is there such a strong cult and devotion among the residents of this region? And how is the relationship with religious syncretism?

**KEY WORDS:** Culture. Memory. Religiosity. Sebastianism. Syncretism.

## INTRODUÇÃO

Em meio a cultos, milagres, mistérios e crendices, avistava-se em uma festa na ilha da Fortaleza, na ponta do Castelo, uma multidão reverenciando uma pedra, que a 200 metros de distância, aproximadamente, ao olhando para ela, confundia-se com um homem de mais ou menos 1,5m de altura, sentado de costas para o mar. Esse episódio ocorrera em um feriado de 20 de janeiro de 1912, há cento e onze anos, data em que se festeja o dia de São Sebastião – mártir da igreja católica – e, ainda, o Rei Sabá – entidade da umbanda – considerado por aquela comunidade o “senhor” da ilha. Outrora, tal festividade viera ganhando forças no município de São João de Pirabas, tornando-se tradicional para a referida cidade, com os cultos dos fiéis umbandistas, suas oferendas, músicas, danças, rezas e celebrações, além da população geral desta região (inclusive de outras matrizes religiosas). A seguir, está anexada a imagem da pedra do Rei Sabá, localizada na praia do castelo, a qual recebe as reverências da população e fiéis das religiões de matrizes africanas.

**Fotografia 1: Pedra do Rei Sabá**



Fonte: Autora (2022)

A imagem faz referência ao dia da festividade do Rei Sabá, o que contextualiza com o que já fora afirmado sobre as oferendas, tais como as frutas e bebidas. Por isso, esta pesquisa tem como foco compreender o sincretismo religioso presente, sua importância para esta comunidade e a perpetuação desses saberes para a construção, reconhecimento e valorização da história local e identitária, tendo como base à compreensão da tríade sincrético-religiosa que deu origem a crença sebastiânica desta região, de que forma se estabeleceu nesta localidade, a confiança e a memória popular tal como, a circunscrição de que rei seria este que conseguira conduzir uma multidão a uma praia deserta, em pleno Oceano Atlântico. Faz-se

importante enfatizar as questões sebastiânicas para a população pirabense. Registrar e construir uma historiografia local por meio de documentações e fontes orais, pois “nosso Rei Sabá” existe e deve ser perpetuado nas tradições, manifestações religiosas e na cultura regional de São João de Pirabas. Maués e Villacorta (2002, p. 220), destacam de maneira evidente que “na região do salgado o rei Sebastião é visto como o rei de todos os encantados.” Os autores afirmam de forma taxativa que o rei Sabá aportado na praia do castelo é Dom Sebastião, o rei de Portugal, desaparecido na batalha de Alcácer Quibir. Acredita-se que o mito tenha sofrido algumas transformações ao aportar-se no território brasileiro até sua inserção na praia do Castelo como um ser encantado, mas ainda concretizando suas práticas de cura aos que o invocam.

Na escassez de documentos e manuscritos, utilizou-se para a construção desta pesquisa as fontes orais, lendas e contos regionais, que permeiam o imaginário dessa população. Assim afirma Alberti (1990, p. 4) com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas futuras.

Neste sentido:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

Dessa forma, as histórias orais tornam-se fontes historiográficas para a construção dessa pesquisa sobre os fatos que ocorreram e ocorrem com a população pirabense e afóra em relação ao Rei Sabá. Sua importância para essa comunidade é imprescindível e suas ações estão nas lembranças pessoais e precisam ser contadas e ouvidas não só por este povo, mas é necessário que vá muito além.

D. Sebastião, o desejado, o encoberto para os lusitanos, e para nós, pirabenses, representa um ícone de religiosidade em nossa cultura. Cabe ressaltar que a importância de tratar essa questão vai muito além do que, somente contribuir com identidade social e popular, mas é extremamente significativa para entender a relação dele com as religiões de matrizes africanas, que são silenciadas, até mesmo dentro do próprio ensino de história e instruir que por meio deste ensino, possa haver rupturas nos estigmas do racismo arraigado em nossa sociedade, mostrar aos pirabenses que o ser encantado é parte de nossas raízes, muito além de

intolerâncias religiosas. Ou seja, entender como um rei com ligações com crença católica chega a estabelecer também ligações com crenças das religiões afro.

As narrativas em torno dessa figura mostram toda a fé, o respeito e o temor do povo ao Rei Sabá. O mito sebástico, transforma-se em fonte de inspiração para a criação de uma historiografia própria e os autores são marcadamente o povo. O tão “desejado” (mais afrente explicarei o termo) rei D. Sebastião não pereceu, mas tornou-se fecundo na lembrança dos indivíduos, eternizando em sua personificação como fidalgo encantado. A seguir, a imagem do rei D. Sebastião.

**Figura 1: Retrato de Sebastião I, de Portugal**



Fonte: Wikimedia Commons (2022)

A imagem retrata, este rei que fora a esperança da nação portuguesa, o homem que tiraria Portugal das mãos espanholas e da ruína. Aos mais velhos, a representatividade é maior e com mais fé, pois retratam que há anos atrás as crendices ao rei Sabá eram seguramente presentes participativas, que em suas lembranças há memórias vivas de respeito e devoção a esta entidade, perpassando por todas as religiosidades presentes na comunidade pirabense. Destarte, um dos objetivos da pesquisa também é levar a história desses personagens para que todos possam conhecer e conservar.

Convém ressaltar que todas as manifestações, sejam de cura, castigo ou graças atribuídas àqueles que no rei fidalgo creem, servem para fortalecer a crença no mito messiânico agora encantado, comprovando assim, a existência da figura mística ilustrada na ilha da fortaleza, e assim dar a devida relevância, tal como suas outras personificações e metamorfoses em Pernambuco e nos Lençóis Maranhenses que se tornaram devidamente conhecidas e valorizadas<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Em Pernambuco personifica-se como a Lenda da Pedra Bonita e nos Lençóis Maranhenses ganha a roupagem de Touro Encantado.

## QUEM É REI SABÁ? CATOLICISMO E RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANAS DE MÃO DADAS

O objetivo desse item é entender como esse rei se instaurou nas terras pirabenses e em sua cultura, como conseguira arrastar multidões para a praia do castelo, por quais motivos a população criou e estabeleceu sua fé e esperança nesse encantado? Além disso, refletir sobre o estigma racista que muitas vezes está impregnado nele por conta de sua ligação com a religião afro-brasileira. Acredita-se, que o Sebastianismo se perpetuou na Amazônia em virtude da chegada dos jesuítas a esta região. No entanto, o mito ganha uma nova roupagem e torna-se um ser encantado pelas religiões afro-brasileiras, sendo “o rei [que] tornou-se um encantado com o status de fidalgo ou senhor de uma linhagem importante das divindades dessa região”. (VERGOLINO, 1991).

A resposta para os meus questionamentos originou-se de estudo amplo. O Rei Sabá, apesar da associação com São Sebastião (mártir da igreja católica), não o era, visto que São Sebastião não era um monarca e sim um capitão do exército romano morto a flechadas, e em suas aparições em sonhos, o Rei Sabá mostra-se como monarca e não como um capitão do exército. Acreditava que o sincretismo religioso presente na figura de São Sebastião e a entidade da umbanda Rei Sabá fosse o bastante, mas, havia a presença do rei Sebastião de Portugal, que até então não se enquadrava no universo imaginário dos pirabenses. Daí origina-se a tríade sincrético-religiosa que dão origem ao nosso rei Sabá.

Para tentar dar uma resposta ou apresentar elementos que pudessem explicar as perguntas feitas anteriormente, fui à busca da origem da crença que permeia o imaginário dessa população e resolvi adentrar-me nessa pesquisa para elucidar os mistérios presenciados naquele dia 20 de janeiro, na praia do Castelo, buscando respostas congruentes, para posteriormente marcar na história deste município e enfatizar sua cultura, revelando aos jovens e as pessoas menos familiarizadas com o tema, a trajetória do Rei “libertador” (explicarei a seguir o termo) e de como seu mito atravessou o Oceano Atlântico e chegou as praias do litoral brasileiro, mais precisamente em uma ilha pirabense transmutado na figura do Rei Sabá.

A crença local relaciona o rei Sabá ao rei Sebastião e ao mito sebástico, de acordo com alguns acontecimentos que provam a existência de El-Rei, mas já como um ser encantado, em nosso município. O autor Diniz Guerra (2014), ao tratar sobre a festividade do rei Sabá, confirma através da memória popular e do jornal regional “O Atalaia” que,

A pedra representa Dom Sebastião rei de Portugal, que após a derrota para os mouros no norte da África foge para as Américas, onde constituiria um reino e, em dado momento, regressaria para libertar seu povo do domínio estrangeiro e restituir a glória perdida da nação lusitana (SINCRETISMO, 2013. p. 2).

A partir daí, a veneração expande-se não somente pelos umbandistas, mas para a população em geral, que, mesmo incrédulos no que se refere aos rituais umbandísticos por serem de outra religiosidade, acreditam nas bênçãos e maledicências que o rei Sabá realiza, pois abençoa quem respeita o seu santuário, cura quem pede e crer na figura dele e pune os que roubam as oferendas e o desrespeitam. E ali, exatamente na ponta do Castelo, na ilha da Fortaleza, o rei Sebastião encontrasse encantado naquela pedra, abençoando a todos aqueles que vão em busca de auxílio e castigando os que ousam desrespeitar o seu santuário místico.

D. Sebastião, ainda no ventre materno, representava a esperança do povo lusitano, que via em seu nascimento a salvação de uma pátria submersa em um terrível caos. Na medida em que se conscientizava da missão a ele, crescia em seu íntimo o desejo de resgatar Portugal do naufrágio em que se encontrava, e por meio de um ato heroico elevar o seu país ao apogeu outrora vivido. Embora fosse a esperança de Portugal, alguns acreditavam que teria um destino fatídico por se chamar Sebastião, seus avós o deram este nome por serem muito católicos e por ter nascido no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião.

Para Valenci:

Em Portugal, quando se é chamado a reinar, tem-se o nome de João, Pedro ou Manoel, único da linhagem real a levar o nome de Sebastião, o príncipe é fadado a um destino único. (VALENCI, 1994, p. 13).

A conquista das terras africanas passa a ser sua maior empreitada. Todavia, o desfecho não foi o almejado, já que El-Rei desaparece na batalha de Alcácer Quibir. Após esse trágico episódio, Portugal perde sua soberania. Acreditando fervorosamente em seu retorno, surge partir daí, o mito do sebastianismo; mito este que ultrapassa os limites de Portugal chegando até ao Brasil. É curioso que se trata de um rei colonizador, que almejava conquistar as regiões africanas para o seu poderio, e que ao aportar-se ao mundo da encantaria, transforma-se em soberano, senhor de todos os encantados e adorado por fiéis das religiões de matrizes africanas.

Todos esperavam com grande excitação o nascimento do herdeiro legítimo do trono lusitano e foi com grande alegria que o povo festejou a chegada do novo príncipe, em 20 de



janeiro de 1554, o qual recebia o nome de Sebastião, por ter nascido no dia em que a igreja católica celebra a morte de São Sebastião. A notícia foi recebida com grande entusiasmo e atribuíram-lhe o codinome de O Desejado, estando salva, assim, a soberania da coroa portuguesa.

Educado pelos jesuítas, absorvia seus ensinamentos com precisão. De acordo com a pesquisa da historiadora Jacqueline Hermann (1998, p. 85), os jesuítas educaram-no de modo a desenvolver o fervor religioso e a afastar-se da companhia de mulheres, visto que, a presença feminina poderia induzi-lo a abandonar seus propósitos. Ao completar nove anos, o príncipe toma conhecimento de um documento elaborado pelos religiosos, chamado "Primeiro capítulo das cortes", o qual determinava que D. Sebastião deveria ser educado somente por homens, afastando-o totalmente dos cuidados femininos. Essa estratégia de afastá-lo das mulheres era mais que tudo, uma forma de separá-lo da avó espanhola, que representava uma ameaça de dominação castelhana.

Segundo Valenci, o rei Sebastião “não gostava de mulheres. Gostava de Deus e das armas” (VALENCI, 1994, p. 27). Tinha aversão a elas, o que reflete nas raízes do patriarcado, principalmente após a sua morte quando curiosamente aparecia majoritariamente a mulheres, elas quem o veneravam, o esperavam nas beiras das praias, e até hoje, ao se espriar para São João de Pirabas, ainda se personifica como o engrandecido para as mulheres da região. Isso demonstra o quanto mulheres são educadas para endeusar homens, figuras masculinas em todos os meios sociais. Mesmo um homem que “odiava mulheres” como apresentam algumas fontes, fora adorado e venerado por mulheres em São João de Pirabas, corroborando com o que afirma Simone de Beauvoir, “a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (BEAUVOIR, 2016, p. 12).

De acordo com a autora:

[...] na mulher há, no início, um conflito entre sua existência autônoma e seu "ser-outro"; ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. [...] fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito [...] (BEAUVOIR, 1967, p. 23).

Reflete o patriarcado desde o nascimento de uma mulher, a necessidade de engrandecer a figura de um homem, herói, endeusado. Somos ensinados nas escolas a história dos grandes homens, seus feitos e ainda somos ensinados a propagar esta história, reverenciar estes homens, e no ceio familiar ensinam-nos a agradar a figura masculina, sermos delicadas, educadas, para seduzi-los, para sermos amadas. Somos ensinadas a ser pequenas e engrandece-los, por isso é fervorosamente vangloriado pelas mesmas.

Educado em um ambiente de extrema religiosidade acreditava que vivia submisso à vontade de Deus, por isso, visava combater os que eram contra a religião cristã. A conquista das terras africanas era a sua obsessão, posto que sua retomada, além de servir para derrotar os islâmicos e fincar a bandeira da cristandade. Além disso, deveria ficar longe do matrimônio, da aproximação com mulheres “para não cair em pecado”, além de ser um colonizador de terras africanas, como exposto. Porém, quando sua representação chega a São João de Pirabas, se faz venerado por mulheres e se amalgama às religiões de cunho afro, completamente oposto do que ditara sua imagem em Portugal, dando um “novo tom” a sua história.

Apesar de ser uma entidade venerada por muitos religiosos da umbanda após a encantaria, e por ter se tornado um cunho cultural para São João de Pirabas, o que pude notar é que mesmo a tantos progressos, ainda há um fator indiscutível a ser tratado, a intolerância religiosa que permeia a região por se tratar de uma entidade da umbanda. Muitos acreditam que a festa seria em festejo a São Sebastião, ou a Oxóssi, por serem no mesmo dia, e, por conseguinte, em detrimento do sincretismo religioso.

A intolerância religiosa é um conjunto de ideologias e atitudes agressivas a diferentes crenças e religiões. O ato de intolerância seja no aspecto psicológico ou físico, é um desrespeito à opinião e crença do próximo. Satirizar, demonizar ou ridicularizar a importância da cultura e suas devoções também fazem parte desse viés. A intolerância religiosa no Brasil começou no período colonial, com a chegada dos portugueses que trouxeram consigo o catolicismo, que como a história conta não aceitava nenhuma outra ideia que não fosse a sua própria, desprezavam as crenças indígenas as quais tinham como maléfica e tinham o intuito de catequizá-los. Houve ainda, a vinda dos negros para serem escravizados, que traziam consigo sua fé, sua cultura, suas línguas e seus ideais. Para livrar-se das perseguições de seus senhores e do clero, os escravizados faziam uso das imagens dos santos católicos em suas cerimônias, quando na verdade estavam cultuando seus orixás. Eles foram os que mais sofreram intolerância religiosa, porque sua religião era considerada na época, uma religião demoníaca. Diante das narrativas orais da comunidade e de documentos, São Sebastião no

sincretismo religioso era Oxóssi. Para afirmar esta questão, os autores Martins e Iwashita discorrem que:

[...] os donos das fazendas, motivados pelos clérigos, exigiam que as festas dos negros fossem nos dias dos santos patronos das famílias ou patrono dos escravos, São Benedito e Santa Efigênia, e sobre o modesto altar barroco, à luz de velas e fogueiras, os negros dançavam enquanto os donos das fazendas pensavam que era homenagens aos santos e a Virgem Maria. [...] tanto escravos como já libertos, mesmo afrontados por uma outra fé imposta, encontravam meios para a sobrevivência, através do sincretismo entre a fé nos deuses africanos e a fé estabelecida pelo catolicismo nos santos e na Virgem Maria. (MARTINS; IWASHITA, 2017, p. 41-42).

Compilando os textos de alguns autores como Hermann (1998), Martins (1987), Valenci (1994) apresentarei evidências do Sebastianismo nas praias do litoral brasileiro. Em Portugal, as últimas manifestações sebásticas que demonstraram que o mito perduraria por vários séculos foram as histórias das mulheres que, em sonho, visitavam a suposta ilha onde o rei vivia.

Juntamente com os portugueses, que colonizaram o Brasil, veio o mito sebastianista. Transportado para o Brasil, adquiriu novas conotações nos movimentos populares do nordeste. Perpetuou-se em Pernambuco, na lenda da Pedra Bonita, na Bahia, com o movimento de Canudos, nos lençóis maranhenses, com a lenda do Touro Encantado, chegando a Amazônia. No Pará, há ressonâncias do sebastianismo em duas ilhas, consideradas suas “moradas”: na ilha de Maiandeuá, em Maracanã e na ilha da Fortaleza, na ponta do Castelo, no município de São João de Pirabas. Em todos os locais em que se encontra a existência do mito sebástico, a crença é a mesma: O rei que ampara, protege, abençoa e cura.

Ao chegar ao Brasil, o sebastianismo ganha novas roupagens e várias releituras são feitas a respeito do culto sebástico. Valenci (1994, p.165) diz “a figura do rei desaparecido passa por uma profunda metamorfose ao atravessar o oceano: o que chamaremos de folclorização, novo avatar que a elaboração da lembrança imprime ao evento.” Provavelmente, a crença sebastianista foi difundida no Brasil colonial por religiosos que circularam entre a colônia e o reino. De acordo com pesquisas, não há comprovação como este ser místico foi transportado para as terras brasileiras. Supostamente, Pe. Vieira teria sido o propagador da crença messiânica. No entanto, não há veracidade nessa confirmação. Sabe-

se, que as heranças portuguesas sobreviveram e atingiram o imaginário do povo brasileiro, perpetuando-se.

A respeito de como o sebastianismo ganhou projeção no Brasil, Hermann (1998, p.71) afirma que “seguramente se misturaram aos messianismos de origem indígena que aqui já viviam e com as especificidades das religiosidades africanas que para cá vieram junto com os escravos.” Essa mesclagem que a autora fala, esclarece, de certa forma, as transfigurações que o mito sebástico sofreu até chegar ao Brasil e, por conseguinte, a São João de Pirabas. Embora, a maior parte dos moradores de Pirabas não esperem a volta do rei encantado, há uma associação entre o Rei Sebastião e o nosso rei Sabá, de acordo com alguns relatos feitos por antigos moradores. O certo é que, como foi dito anteriormente, o mito sofreu transformações e aportou na praia do Castelo como um ser encantado, auxiliando àqueles que invocavam sua proteção.

Partindo de terras lusas para levar a fé católica aos islâmicos, o rei cristão chega a Amazônia como deidade, situado em outra fé, não diferente da que defendia, porém mais variada, com uma religiosidade muito mais abrangente. D. Sebastião tornou-se uma entidade afro-brasileira, como afirmam Maués e Villacorta (2002) sobre a soberania do rei Sebastião sobre todos os encantados.

Não se sabe quando exatamente El-Rei foi transformado em divindade, o certo é que, se tratando de mito, a ser cultuado como herói ou salvador, D. Sebastião foi devorado pelo tempo sagrado. O que se percebe é o sincretismo religioso presente na mistura do santo mártir e o rei Sebastião.

E ainda para reafirmar essa agregação, Anaíza Vergolino (1991) diz que,

Na época do Brasil colonial, a imagem de São Sebastião foi associada ao orixá Oxóssi, pois as flechadas do martírio do santo católico foram identificadas ao arco (ofá) e a flecha (damatá) do orixá, criando uma associação entre um santo e um orixá que não era raro nos sincretismos religiosos entre as religiões afro-brasileiras e o catolicismo. Porém, no Nordeste do Brasil, a esse culto foi absorvida a figura do rei Sebastião. (VERGOLINO, 1991, p.5).

Como apontam as imagens abaixo:

**Figura 2: São Sebastião**

**Figura 3: Oxóssi**



Fonte: Wikimedia Commons (2008)



Fonte: Marisilda Brochado (2021)

Essa absorção da figura do rei deu início a uma tríade sincrético-religiosa, esclarecendo assim, as diversas manifestações de culto realizado em 20 de janeiro, dia de São Sebastião em que o santo, o orixá e o rei fidalgo recebem homenagens, cada uma com suas especificidades.

Sabe-se que o sincretismo religioso se proliferou em virtude das imposições do catolicismo durante o período colonial. Ao aportar-se no Brasil a igreja católica desejava “educar” os indígenas e africanos de acordo com os princípios da fé cristã. Não querendo abrir mão de suas crenças, saberes, religiosidade, os africanos associaram suas divindades religiosas aos santos católicos, como, por exemplo, São Sebastião festejado no dia 20 de janeiro e Oxóssi também no mesmo dia. Corroborando com esta afirmação, Tito Romão (2018) ratifica que:

A luta por liberdade levou os negros escravizados a criar um rico estratagema para trocarem os nomes dos orixás por nomes de santos, revelando sua grande perspicácia em entender, com o passar dos anos, qual orixá poderia corresponder a que personagem do complexo hagiológico católico (ROMÃO, 2018, p.378).

Ainda para afirmar a questão sincrética, no ano de 2020, ao celebrar a missa em virtude de São Sebastião, a paróquia de São João Batista, do município de São João de Pirabas foi tomada por fiéis da umbanda que festejavam o glorioso Rei Sabá. Como mostra a imagem abaixo:

**Fotografia 2: Fiéis da umbanda na igreja Matriz de São João de Pirabas**



Fonte: Autora (2019)

De acordo com os estudos de Maués e Villacorta (2002), o rei Sebastião teria saído de Alcácer Quibir em um navio, vindo parar no Maranhão, encantando-se em algumas praias do salgado. Há ainda uma lenda que trata da disputa entre dois grandes encantados, o rei Sebastião e Cobra Norato, em que este foi derrotado e morto pelo rei. A partir daí, o rei ganha status de “senhor” ou “fidalgo” e junto com sua filha, a princesa Jarina, e seus guerreiros formam uma família poderosa do reino dos encantados. Ressaltando ainda mais seu poderio, Maués e Villacorta (2002, p.20) salientam que “em muitas sessões de pajelança o rei Sebastião se incorpora nos pajés mais notáveis, vindo com o objetivo de curar as doenças dos pacientes.”

Como ocorre esse processo de encantamento? Maués e Villacorta (2002) explicam para que haja o “encante” é necessário que os encantados do “fundo” se agradem da pessoa por algum motivo. Lá aprendem sua arte e tornam-se seres “invisíveis” aos olhos dos mortais, incorporando-se em pessoas que têm o dom “de nascença” (os xamãs ou pajés) ou naquelas de quem “se agradem.” Quando incorporam-se em pajés são chamados de “caruanas”, “guias” ou “cavalheiros” e vêm com o intuito de praticar o bem e para curar doenças. Essas explicações nos levam a concluir que o rei Sabá tornou-se um “caruana” em virtude de suas manifestações de cura, de acordo com alguns relatos de moradores pirabenses.

## **AS NARRATIVAS EM TORNO DO MITO REI SABÁ: HISTÓRIAS DE CURA, SINCRETISMO E FÉ**

A partir do século XVI, os portugueses passaram a acreditar que o rei Sebastião vivesse encantado em alguma ilha misteriosa. Segundo Jacqueline Hermann (1998, p.96) “D. Sebastião se retirou da cena política para sobreviver nas brumas de reinos distantes ou de ilhas encantadas”. O fato é que, essas suposições coincidem com as manifestações de crença ao rei Sabá. Como vimos anteriormente, o rei Sebastião já metamorfoseado com entidade, teria uma

família e para salientar ainda mais a existência dela em nossas praias, há ainda outra pedra, próxima da pedra do rei Sabá, de cor branca, deitada sobre a areia da praia, em forma de coração, a qual é chamada de "coração da princesa", pedra esta atribuída a princesa Jarina.

Conforme a lenda, o rei Sebastião teria saído da África com destino ao Brasil, todavia seu navio naufragou e ele aportou na praia da Fortaleza, sofrendo o encanto que o transformou em pedra. A crença ao rei Sabá foi sendo propagada à medida que o encantado se manifestava, substanciando, assim, o imaginário popular pirabense.

Na falta de documentos, narrativas populares orais são fundamentais para investigar a memória do rei Sebastião e os assuntos relativos à religiosidade, bem como fazer um paralelo à história, pois como detalhamos anteriormente, após a morte de D. Sebastião, criou-se em torno dele uma lenda, transformando-se em mito e, o povo, não querendo aceitar sua morte, cria um culto messiânico denominado sebastianismo.

Seguindo desse ponto, vimos como o mito foi assumindo outras formas, principalmente nas histórias de mulheres que, em sonho, visitam o rei em sua ilha encoberta. Aqui pode-se relacionar a história de dona R<sup>2</sup> (2023), que visitou o castelo encantado do rei enquanto dormia. Essas visões femininas são classificadas por Hermann (1998, p.71) como “sobrevivência feminina na busca do Desejado.”

Uma noite eu sonhei que tava sentada na beira da praia, quando de repente, apareceu uma barca grande e linda. Aí vinha um homem branco, bonito, parecia um rei, porque tinha uma coroa. Ele veio me buscar pra me mostrar o seu reino... depois daquele sonho, passei a acreditar ainda mais no rei Sabá (R, 2023).

A mesma ainda corrobora:

Ele me visitava em sonhos quando dormia na ilha, no rancho da minha família, ele aparecia sempre no mesmo cavalo, com uma bandeira das cores verde e vermelha com um brasão, ele tinha muito ouro, muitas medalhas, e sempre me levava pra ir ao seu reino que ficava em baixo da pedra, lá tinha muita fartura de comida muito ouro, era a coisa mais linda. Eu não podia comer nada, ele disse que se eu comesse eu ficaria encantada, aí eu ficava com medo. Ele me dizia que Pirabas era o reino dele. [...] quando eu acordei falei pro meu marido como ele era, e ele disse que parecia um rei porque o rei Sabá era o rei de Portugal (R, 2023).

Esta afirmação da senhora R (2023), mostra o rei Sabá como o rei de Portugal, o desaparecido, o nomeado rei de todos os encantados pelas entidades do fundo do mar. Traços

---

<sup>2</sup> As pessoas que preferiram não se identificar pelo motivo de fazerem parte de outra matriz religiosa, por medo ou por vergonha, estão identificadas apenas por suas iniciais.

como a coroa, as medalhas, a riqueza, as cores da bandeira referentes as cores da bandeira de Portugal, e a embarcação a qual o rei naufragou.

O rei Sabá atua também como um curandeiro local, sem distinções de religiões, para afirmar o que já foi dito, os antigos, de religiosidade de diversas creem nas benevolências do fidalgo e o procuram em busca de suas práticas curandeiras, como à senhora A (2023), que é devota do catolicismo. A mesma conta a história da cura do seu braço:

Ai saí de baixo da pedra do rei Sabá uma caba que voou pra onde eu tava, ai me agarrei na mamãe chorando, quando a caba me ferrou no braço. (...) No outro dia, eu acordei boazinha e o seu Manoel disse que tinha sido o rei Sabá que tinha me curado quando a caba me ferro no braço (A, 2023).

A história remete-nos ao assunto da família do rei Sabá. Segundo Heraldo Maués (2002), o rei Sebastião tem uma família na praia da Fortaleza, que são as entidades da mina paraense Jarina, Mariana e Herondina, consideradas filhas do rei. Elas também manifestam seus poderes e encontram-se zoomorfizadas nas três cabas que vivem na pedra e saúdam os visitantes, bem como operando cura, como é o caso da senhora A (2023).

De como e quando teria iniciado o culto ao rei Sabá não se sabe, porém o senhor Pedro da Conceição Pedrosa, umbandista local, fundou na década de 70 a "Associação Unida Espírita Rei Sebastião", sendo um dos principais responsáveis pelos rituais de adoração e homenagem ao rei Sabá.

Para as pessoas que creem, o rei Sabá é o rei Sebastião que aparece para alguns em um cavalo branco, todo fardado e com a espada em punho. O rei Sabá, além de servir de guia e proteção para os pescadores, é apontado também como "médico" da ilha, realizando curas naqueles que buscam socorro. Porém, se alguém ousa desrespeitá-lo, ele atua com maledicências como relata Manoel Siqueira<sup>3</sup> (2023):

eu não acreditava quando minha família falava que não podia mexer no altar do rei Sabá, um dia eu fui né, sem minha família, fui com uns amigos que também não acreditavam, pegamo uma bebida do rei e as cabas me ferraram, foi uma dor muito grande e começou a inchar meu pescoço, e me dar febre, minha filha... minha família me fez comprar outra bebida pra devolver, porque eu ia no hospital e não passava, quando eu devolvi, ne, a caba veio e ferrou no mesmo lugar, no mesmo dia eu fiquei bom (SIQUEIRA, 2023).

Para reforçar ainda mais as afirmações de cura da entidade, Joana Mendes (2023), umbandista, afirmou que:

---

<sup>3</sup> As pessoas que preferiram ser identificadas, permitiram o uso dos seus nomes.



Eu estava muito doente, meus pés estavam inchados, eu não andava mais, tava acamada e não aguentava mais tantos remédios. Pedi pra minha família me levar lá na praia, lá na pedra né, aí antes de chegar, eu ia pedindo pro rei Sabá me curar e depois eu ia todos os anos fazer minhas oferendas e me dedicar mais na minha espiritualidade e na umbanda. Cheguei lá, as cabas me ferraram, doeu muito. [...] quando atravessamos de volta pra cidade eu peguei num sono profundo e no outro dia eu já conseguia me levantar, foi impressionante. Desde esse dia, dediquei minha vida a ele (MENDES, 2023).

Como eu havia mencionado anteriormente, o rei Sabá cura os que creem em sua existência e pune os que o desrespeitam. Boa parte dos que ousam desrespeitá-lo e menosprezam o lugar de seu santuário está empregado ao racismo presente na comunidade, pois trata-se de uma entidade da umbanda. A entrevistada Joana Mendes (2023), menciona que “a pedra do rei Sabá e as entidades ao redor foram vandalizadas e derrubadas por duas pessoas evangélicas, não vou citar os nomes por que eles já morreram, e morreram de uma forma trágica”.

É importante ressaltar que há um racismo impregnado ao redor das religiões de matrizes africanas, o que impede a propagação da festa do rei Sabá, o relato da senhora G (2023), expressa a repulsa das outras matrizes religiosas em relação a crença no ser místico, neste relato especificamente, a senhora teve que se afastar de sua congregação evangélica por conta da intolerância religiosa que sofrera dos outros fiéis em relação a sua crença nas benevolências do ser místico. “Eu tive que procurar outra igreja, por que me julgavam e demonizavam minha crença no rei Sabá, me afastei daquela assembleia e preferi não falar mais sobre o que eu acreditava” (G, 2023).

Alcântara argumenta (2011, p. 87), estas igrejas, “tanto históricas quanto pentecostais, contribuíram para que a situação de discriminação e marginalização dos negros no Brasil fosse por tanto tempo perpetuadas”. Tal intolerância, implica diretamente na difusão do rei Sabá como algo cultural pirabense e notoriamente na propagação deste festejo como um fator turístico. Não pode-se negar que este fator é o próprio racismo impregnado, trazido desde o período colonial e perpetuado até os dias atuais. Embora já esteja presente de uma forma menos escancarada, ainda há muito a lutar e combater contra. A autora Djamilia Ribeiro (2019) discorre sobre essa perspectiva afirmando que, “[...] reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo [...]. Dizer que determinada atitude foi racista é apenas uma forma de concretizá-lo e definir seus sentidos e suas implicações. A palavra não pode ser um tabu, pois o racismo está em nós e nas pessoas que amamos – mais grave é não reconhecer e não

combater a opressão.” (RIBEIRO, 2019, p. 21). Corroborando com o que a autora acima evidencia, Romão destaca que,

Compreendemos que esse processo translacional continua *in progress* e que sempre temos de estar atentos para que não se instalem novas formas de violências – mediante, por exemplo, preconceitos religiosos, étnicos, políticos e sociais. Não podemos permitir que tantas experiências e tantos êxitos logrados ao longo de 500 anos sejam ameaçados ou mesmo condenados ao desaparecimento (ROMÃO, 2018, p. 379).

Convém ressaltar que todas as manifestações, sejam de cura, castigo ou graças atribuídas àqueles que nele creem, servem para fortalecer a crença no mito messiânico agora encantado, comprovando assim, a existência da figura mística incrustada da ilha da Fortaleza. O senhor S (2023), pescador, relatou que durante o dia 20, quando vai fazer a travessia das pessoas da cidade para a ilha, majoritariamente a embarcação é de pessoas pertencentes a outra matriz religiosa, “só vão pra aproveitar a festa, muitos tem medo e preconceito com o que acontece lá na pedra. [...] quando vou saindo de Pirabas, as vezes eu escuto o pessoal gritando pros seus conhecidos que vão pra festa “já vão pegar santo pra lá né”, e isso me deixa triste”.

O senhor S (2023), ainda ressaltou que quando veio com a sua família para Pirabas, conheceu Maria Pajé, que era uma das atuantes na organização da festa do rei Sabá, “ela era uma das poucas da umbanda, as pessoas tinham medo dela e falavam “lá vem à macumbeira, e entram pra dentro de casa, já vi gente até jogando pedra nela.” O mesmo declarou que quando chegou à cidade, só havia uma igreja evangélica, e o resto, em sua maioria se declaravam católicos, “não tinham muitos umbandistas e os poucos que tinham sofriam muito preconceito das pessoas”.

Nessa perspectiva, avista-se que em meio aos progressos referentes à intolerância religiosa, racismos, leis que apoiam estas causas, ainda há barreiras a serem quebradas, que impedem a fecundação do rei Sabá na cultura e seu reconhecimento afora. Chimamanda Adichie (2019, p.26) argumenta que “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos, eles fazem com que uma história se torne a única história”. Adichie confirma também, que ainda “a consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes e não como somos parecidos” (ADICHIE, 2019, p.27).

A autora faz referência a tudo que já foi dito nesta pesquisa, o fato de não aceitar a cultura do outro nos torna intolerantes, e não nos deixa perceber que o Nosso Rei Sabá é um ícone de nossa cultura, permeia o imaginário da nossa população pirabense, está impregnado em nossas raízes, e o fato de não enxergar, de negar só pelo fato de se tratar de uma entidade da umbanda, reforça o preconceito e o racismo presente em nosso cotidiano. O autor Hermes de Sousa Veras (2018) mostra a presente importância da festa do rei Sabá para a cidade de São João de Pirabas e enfatiza sua importância para a cultura, economia, religião e turismo.

Para a prefeitura, Rei Sabá, seu culto e as religiões afro-brasileiras fazem parte da cultura porque é uma tradição que dura, pelo menos, 80 anos, mobiliza a população da cidade e atrai pessoas de fora. Portanto, faz parte da cultura local e proporciona turismo para uma região que é famosa por suas praias e balneários. O centro cultural Maria Pajé, uns dos principais equipamentos da cidade (VERAS, 2018, p.11).

Nesse interim, o mito sebastiânico vai ganhando amplitude. A lenda espalha-se e sofre influências sócio-histórico-culturais de acordo com o contexto em que está inserida. A oralidade torna-se fator essencial para difundir o mito, daí o fato dele ganhar roupagens diferenciadas. Há ressonâncias do sebastianismo em São João de Pirabas. Não se sabe, ao certo, quem fez essa transladação para nossa cultura, mas podemos confirmar que o povo foi o grande divulgador, e essa difusão foi ocorrendo não com o mesmo perfil português, que aguardava o “salvador da pátria” e sim com uma conotação própria, ou seja, o nosso rei Sabá é o auxiliador dos menos favorecidos, aquele que protege os pescadores e cura os doentes. Podemos confirmar essas manifestações na literatura pirabense, sejam elas na música, na poesia, nos contos. Estes relatam a existência e poder que o rei Sabá tem sobre as coisas e as pessoas, bem como as diferentes maneiras de apresentar-se perante aqueles que o invocam. Nas histórias contadas, rei Sabá está zoomorfizadas em cavalo, cobra, caba e tubarão. Percebe-se a supremacia deles no reino animal, assim como o rei Sebastião é o soberano da ilha da Fortaleza. Podemos perceber a semelhança que esses animais tem com o poder, austeridade, dominação, daí o fato de estarem associados à imagem do rei Sebastião.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mediante a tantas histórias contadas sobre o sebastianismo português e sobre o sebastianismo que se espalha até o litoral pirabense, este artigo se torna singular, há algo particular a qual procurei me aprofundar. Trata-se de uma fé do próprio povo, mas também de

uma fé que tem que ser escondida, silenciada e oculta por conta do racismo escancarado e a intolerância religiosa. É uma história de crença, mas também de dor causada pelas raízes do preconceito racial, isto é algo que deve ser contado para que possa ser combatido.

Na trajetória do estudo realizado sobre o sebastianismo, me deparei com inúmeros fatores que me propiciaram a compreensão dos mistérios até então ocultos. Como poderia D. Sebastião, rei de Portugal desaparecido em Alcácer Quibir, atravessar mares e tornar-se entidade da umbanda na ilha da Fortaleza, na ponta do castelo, em uma pedra e atrair uma multidão para cultuá-lo na presença da imagem de S. Sebastião? Buscou-se conhecer de forma particularizada a história desses personagens. D. Sebastião, o messias, carrega consigo toda garra, audácia e esplendor de homem da esperança para a nação lusitana. São Sebastião, um guarda militar que se sujeita a essa profissão para ajudar seus irmãos de fé, perseguidos e encarcerados, é denunciado como traidor e morre a flechadas açoitado pelas mãos dos hábeis arqueiros, amarrado em uma árvore.

Quem seria o rei Sabá da ponta do Castelo? E que relação teria com D. Sebastião e S. Sebastião. Segundo estudiosos “na pajelança o rei Sebastião é visto como o rei de todos os encantados”, transformando-se em divindade, sendo cultuado por pessoas que creem em sua existência. Nessa viagem incansável, percebe-se características semelhantes nessa tríade. O povo lusitano emprega em D. Sebastião toda confiança em resgatar das mãos dos espanhóis o reinado português e assim, viverem livres das mãos dos opressores. Os cristãos invocam S. Sebastião em todas as necessidades e também contra a miséria, a peste e a guerra. O rei Sabá é invocado por pescadores, umbandistas, pessoas de outras crenças para ajudá-los a sair de problemas ou melhorar de vida. Toda essa complexidade vai se desfazendo ao concebermos a influência do povo português na colonização do Brasil. O orgulho, a expectativa e a esperança estão impermeados na alma daquele povo que por onde passa vai deixando rastros da confiança de encontrar o desejado, o encoberto rei Sebastião.

Em São João de Pirabas, na ilha da Fortaleza, na ponta do Castelo, o rei oculto tornou-se, especificamente, uma divindade o qual é cultuado frequentemente e com maior fervor no dia 20 de janeiro, dia em que nasceu D. Sebastião e que também é celebrada a morte de São Sebastião. Um rei tão desejado pela nação portuguesa é conduzido por seus súditos a terras longínquas tornando-se um mito messiânico. E nesse sincretismo religioso, a vivacidade de um rei do século XVI, que lutou por seu povo para proporcionar-lhes vida melhor, continua acentuada no rei Sabá que é o auxiliador das necessidades de um povo que busca em si eternizando-se.

O rei oculto ganha diversas roupagens das mais variadas formas, adquirindo na Amazônia um universo divinal, comprovado por muitos moradores de São João de Pirabas, ao presenciarem nos terreiros a presença do rei Sabá, incorporado nos pajés. O tão desejado rei D. Sebastião não pereceu, tornou-se fecundo na lembrança do povo, eternizando-se.

Outrossim, é de suma importância problematizar os racismos aqui citados, as intolerâncias e o preconceito em relação aos rituais umbandistas e a crença no rei Sabá. Desde o sincretismo religioso subsequente da catequização cristã, tornando-se um ato de resistência em virtude da preservação de sua fé e costumes. Fato que se estende aos dias atuais e que deveria ser tratado dentro do ensino de história, visto que a Lei 10.639/03 determina que as escolas de ensino fundamental e médio a ensinarem sobre história e cultura afro-brasileira, onde marcadamente se emprega os racismos e intolerâncias religiosas. Somos ensinados sobre os grandes nomes e grandes datas, o protagonismo branco no Brasil, a cultura afro-brasileira, pouco se sabe, o que nos ensinam é sobre o período escravocrata, período de grande opressão, silenciamento, tortura, e por isso carregamos esses princípios até os dias atuais. Falar sobre o sebastianismo dentro da sala de aula, cabe em diversas perspectivas, com o auxílio da interdisciplinaridade, é possível compreender o mito sebastiânico por meio da história do período colonial, e ainda neste viés falar sobre a opressão sofrida pelos negros ao trazerem consigo suas crenças e culturas, mostrar ao educando de religiosidade africana que ele está presente na historiografia, na história de sua cidade e ressaltar a sua importância, para que o mesmo se identifique e não se sinta oprimido pelo protagonismo elitista e branco. Mostrar a riqueza de sua cultura, luta e resistência de seus ancestrais. Combater o racismo nas escolas é fundamental para a evolução do senso crítico e empático dos educandos, pois, educação nas escolas é a principal ferramenta para o combate dos preconceitos raciais, para a formação do senso crítico e para o respeito. Ademais, reafirmo esta perspectiva com o assentamento de Djamila Ribeiro (2019):

Um ensino que valoriza as várias existências e que referencie positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade, pois conhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizada que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isto é, deixar de apenas ver humanidade entre seus iguais. Mais ainda, são ações que diminuem as desigualdades. Não podemos nos satisfazer com pouco. Apesar de termos avançado nas últimas décadas, não podemos achar que foi o suficiente. Não basta ter um ou dois negros na empresa, na TV, no museu, no ministério, na bibliografia do curso. Se disserem ser antirracista é ser "o chato", tudo bem. Precisamos continuar lutando (RIBEIRO, 2019, p.41).

## REFERÊNCIA

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBERTI, V. História oral: **a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALCÂNTARA, Cláudia Sales. **Implementando as políticas de ações afirmativas no Espaço Evangélico: o início de um diálogo**. *Identidade*, v. 16, n. 1, p. 72-93, jan./jun, 2011.

AZEVEDO, J. Lúcio de. **A Evolução do Sebastianismo**. Lisboa: Presença, 1984.

A. **Entrevista**. [mar. 2023]. Entrevistador: Giovana de Cassia Araujo Ferreira. São João de Pirabas, 2023.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo – Livro 2: **Experiência vivida**. 2ª Edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Vol. I. 3.ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOTELHO, Afonso. **Da saudade ao saudosismo**. Maia: Biblioteca Breve, 1987.

CAMÕES, Luis de. **Os Lusíadas**. São Paulo. Editora Martin Claret, 2003.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 8ª ed. São Paulo: Global, 2000.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, 1981.

FIGUEIREDO, Aldrim Moura de. **A cidade dos encantados: pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia**. 1996. 428f. Dissertação (mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: Unicamp, 1996.

FRANCO, José Eduardo. **A História de Portugal do Padre Fernando Oliveira e a História do Futuro do Padre Antonio Vieira: duas utopias em confronto.** In. Ler História, Vol. 38, 2000, p.87-109.

GEMAKE, Pascoal. **A lenda do trono.** In: Jornal Diário do Pará, 13 julho. 2003.

GUERRA, Gutemberg Armando Diniz. **A festa do Rei Sabá em São João de Pirabas, Pará, Brasil.** Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 24, n.2, p. 256-266, abr./jun. 2014.

G. **Entrevista.** [mar. 2023]. Entrevistador: Giovana de Cassia Araujo Ferreira. São João de Pirabas, 2023.

HERMANN, Jaqueline. **No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII).** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

LOBO, Antônio Sousa S. Costa. **Origens do sebastianismo – História e pré-figuração dramática.** Lisboa: Edições Rolim, 1982.

MARTINS, Alan Christian Pedroso, K. IWASHITA, Pedro. **Sincretismo: uma relação entre o catolicismo e as religiões afro-brasileiras.** Revista Eletrônica Espaço Teológico. ISSN 2177-952X. Vol. 11, n. 20, jul/dez, 2017, p. 38-54.

MENDES, Joana. **Entrevista.** [mar. 2023]. Entrevistador: Giovana de Cassia Araujo Ferreira. São João de Pirabas, 2023.

MARTINS, Oliveira. **História de Portugal.** Lisboa: Guimarães editores, 1987.

MAUÉS, Raymundo Heraldo e VILLACORTA, Gisela Macambira. **Pajelança e encantaria amazônica.** In PRANDI, Reginaldo (org). Encantaria brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Wesley dos Santos. **Intolerância religiosa e violência, frente às práticas religiosas no Brasil, no século XXI.** 2017. 192f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia – GO, 2017.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. **Sincretismo religioso como estratégia de sobrevivência transnacional e translacional: Divindades africanas e santos católicos em tradução.** Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(57.1): p.353-381, jan./abr. 2018.

R. **Entrevista.** [mar. 2023]. Entrevistador: Giovana de Cassia Araujo Ferreira. São João de Pirabas, 2023.

SANTOS, Ivanir. **História da Intolerância e vestígios históricos para a reconstrução de uma memória coletiva das religiões de matrizes africanas.** RJHR X: 19. p.38-50, 2017.

SINCRETISMO RELIGIOSO MARCA AS COMEMORAÇÕES DO SEBASTIANISMO EM SÃO JOÃO DE PIRABAS. **O atalaia**, no. 009, Salinópolis, p. 2, janeiro de 2013.

S. **Entrevista.** [mar. 2023]. Entrevistador: Giovana de Cassia Araujo Ferreira. São João de Pirabas, 2023.

SIQUEIRA, Manoel. **Entrevista.** [mar. 2023]. Entrevistador: Giovana de Cassia Araujo Ferreira. São João de Pirabas, 2023.

THOMPSON, P. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VALENCI, Lucette. **Fábulas da memória: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo.** Tradução: Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

VERAS, Hermes de Sousa. **A festividade de Rei Sabá em São João de Pirabas: religião, cultura e outros compósitos.** 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, Brasília/DF, 2018.

VERGOLINO-HENRY, Anaíza. **São Sebastião: o santo, o orixá, e o rei fidalgo encantado.** In: Jornal A Província do Pará; 20 janeiro. 1991.